

SOBREVIVENTE DE COLLOR AMEAÇADO

Walberto Maciel
Da equipe do **Correio**

NO CONTRA-CHEQUE DO FUNCIONÁRIO PÚBLICO JOSÉ FERREIRA NETO, 47 ANOS, ESTÁ ESCRITO: "ATIVO PERMANENTE LEI 8878/94". APESAR DO "PERMANENTE", JOSÉ NETO, COMO É CONHECIDO O JORNALISTA-DIAGRAMADOR, LOTADO NO SETOR DE DESENHO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, É UM DOS 33 MIL SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS INSTÁVEIS QUE PODERÃO SER DEMITIDOS DEPOIS DO PACOTE FISCAL ANUNCIADO PELOS MINISTROS ANTÔNIO KANDIR, DO PLANEJAMENTO, E PEDRO MALAN, DA FAZENDA.

O próprio José Neto acha que desta vez vai para a rua, até porque sua situação no ministério ainda não foi definida. Ele é um dos mais de 500 servidores da extinta Embrater demitidos em 1990 pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello. No governo Itamar o grupo ganhou anistia, a contra-gosto do então ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, e juntamente com outros servidores entrou na Justiça para tentar garantir o emprego. "Hoje o Fernando Henrique, que era contra a anistia, está com tudo na mão. Se a Justiça não resolver nossa situação, estaremos fora", afirmou.

A maior preocupação de José Ne-

Tina Coêlho



José Neto, diagramador: "Não demora muito vai ter gente fotografando os servidores para mostrar para as gerações futuras como era o funcionário público"

to não é com ele próprio. Seu salário de R\$ 360 mensais não dá nem para pagar o colégio da filha de 15 anos, Gracielle. "A mensalidade escolar é de R\$ 369. Se fosse pagar com o salário que recebo no ministério, ficaria devendo R\$ 9", destaca o servidor. Mas sua luta é pelos companheiros de trabalho, que são servidores públicos desde o início de suas carreiras e não sabem fazer outra coisa.

José Neto trabalha à noite no Sindicato dos Bancários, onde faz a diagramação de todas as publicações da

entidade. Aos fins de semana sempre arruma algum tipo de serviço. "Vivo assim, fazendo minhas virações. Junto com o que minha mulher ganha, vamos tocando. Mas isso é injusto. Não é dessa forma que merecemos viver. E agora, com esse novo pacote, com a ameaça de uma nova demissão, onde vamos parar?" questiona.

O pior é que, além de ganhar pouco, José Neto quase não tem o que fazer no trabalho, pois todos os setores do ministério têm um computador e um operador que sabem fazer o ser-

viço necessário para as publicações internas. "Não temos o equipamento adequado, e as pessoas que não estão qualificadas e são lotadas no ministério em outra função acabam fazendo nosso serviço", destacou.

EXTINÇÃO

Com as novas medidas, José Neto acredita que o próximo passo do governo será acabar de vez com o serviço público. Segundo ele, esse é o perfil do pacote lançado pelo governo: existe sempre um acordo com o

setor privado para diminuir a mão-de-obra pública. "Somos uma espécie em extinção. Não demora muito vai ter gente fazendo pesquisa e fotografando os servidores para mostrar para as gerações futuras como era o funcionário público", disse.

Segundo José Neto, que também é delegado sindical do Sindicato dos Servidores Públicos (Sindisep), a avaliação da entidade é de que pelo menos 8 mil servidores percam o emprego em Brasília. "Nós sempre somos bode expiatório", reclamou.